

**A CONQUISTA DO MUNDO HABITADO: O *ORBIS TERRARUM* NAS MOEDAS DA REPÚBLICA ROMANA NO SÉCULO I A.C.***Luis Henrique Carminati*<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo principal investigar as representações iconográficas do globo terrestre e seus significados nas cunhagens produzidas na República romana. Para tal, foi selecionado um conjunto de moedas datadas do século I a.C., batidas em Roma em diferentes contextos sociopolíticos; todos os objetos apresentam a figura do globo terrestre. Dessa forma, pode-se ter uma perspectiva ampliada sobre como os romanos elaboraram um repertório imagético baseado na noção grega de *oikoumene*, que oportunizou a idealização de domínio do mundo habitado. Logo, ao observar a iconografia disposta nas moedas é possível compreender como os romanos se apropriaram desse conceito em contextos distintos com o objetivo de monumentalizar a tópica discursiva de conquista e controle do cenário espacial considerado como *oikoumene* ou mundo habitado.

**Palavras-chave:** representações iconográficas; cunhagens; *oikoumene*; República romana; monumentalização.

**THE CONQUEST OF THE INHABITED WORLD: THE *ORBIS TERRARUM* ON THE COINS OF THE ROMAN REPUBLIC IN THE 1ST CENTURY BC**

**Abstract:** The main objective of this article is to investigate the iconographic representations of the globe and their meanings in coinage produced in the Roman Republic. To this end, a set of coins dating from the 1st century BC, minted in Rome in different sociopolitical contexts, was selected; all the objects feature the image of the terrestrial globe. This provides an expanded perspective on how the Romans developed an iconographic repertoire based on the Greek notion of *oikoumene*, which facilitated the idealization of dominance over the inhabited world. By examining the iconography on the coins, it is possible to understand how the Romans appropriated this concept in various contexts with the aim of monumentalizing the discourse of conquest and control over the spatial realm considered *oikoumene* or the inhabited world.

**Keywords:** iconographic representations; coinage; *oikoumene*; Roman Republic, monumentalization.

Roma já possuía características de um império muito antes de existir a figura política do imperador. As práticas expansionistas, a dominação e conquistas de outros povos tinham um caráter imperialista (GUARINELLO, 2008, p. 63). Um fator fundamental para a manutenção dessas práticas e a consolidação do imperialismo romano foram as redes de relações estabelecidas com as comunidades conquistadas. Essas coalizões e alianças elaboradas com as aristocracias locais impulsionavam um processo de integração de valores culturais e sociais e a consequente adesão às estruturas políticas do império (GUARINELLO, 2008, p. 12).

Dessa forma, a expansão romana, inicialmente na região do Lácio, depois na Península Itálica e, por fim, o domínio do mar Mediterrâneo, oportunizou a agregação de elementos culturais distintos. Como, por exemplo, as produções numismáticas romanas assumiram no

---

<sup>1</sup> Professor Substituto no IFPR, campus de Capanema-PR. Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Contato: carminati94@gmail.com

século III a.C., um modelo de cunhar moedas inspirado em moldes gregos que eram o padrão vigente na região da Magna Grécia (POBJOY, 2006, p. 64). Essa prática de integração de aspectos culturais, de adesão a determinados paradigmas religiosos, intelectuais e filosóficos modificou e formou identidades romanas em diferentes contextos. A identidade não é inata, pré-definida ou inalterada; ela está sempre sendo alterada ao estar mergulhada nas relações sociais (CLARK, 2007, p. 5)

A frase atribuída ao poeta Horácio “*Graecia capta ferum victorem cepit*<sup>2</sup> – A Grécia conquistada, conquistou o seu feroz vencedor” (Hor. *Epist.* 2.1.156) sintetiza a extensão assumida pela cultura grega no desenvolvimento da miríade identitária que são as identidades romanas. Esse processo de integração cultural evidencia-se em vários âmbitos da sociedade romana, com maior intensidade nas últimas décadas do século II a.C., dado o avanço romano sobre a região da Macedônia e posterior conquista da Grécia. Deste modo, preceitos filosóficos e conjuntos de ideias ganham espaço e se reproduzem no contexto romano. *Oikoumene*, conceito que abordaremos ao longo do artigo, refere-se a ideia de mundo habitado. Essa noção foi apropriada pelos romanos e amplamente utilizada no contexto imperial para consolidar a perspectiva que domínio e controle das regiões habitadas (SIDRYS, 2020, p. 2).

### ***Oikoumene* e o mundo habitado**

O conceito de *Oikoumene*, ao que indica Raymond Sidrys (2020, p. 53), foi utilizado pela primeira vez por Heródoto<sup>3</sup>, sendo seu uso relegado inicialmente ao campo da geografia e, com o decorrer do tempo, tornou-se de uso comum aos gregos. A tradução do termo pode ser lida como “mundo habitado”, “mundo conhecido” ou “mundo familiar”. No tempo de Aristóteles, a *oikoumene* se estendia do Estreito de Gibraltar, “os pilares de Hércules”, até a Índia, já de norte a sul os limites seriam o Mar de Azov, no mar negro, até a Etiópia. Importante ressaltar que o conceito de mundo habitado não incluía os continentes até então desconhecidos e não fazia referência ao globo terrestre como um objeto astronômico (SIDRYS, 2020, p. 53).

A noção de *oikoumene* foi alinhada com discursos sobre hegemonia global ou universal. O uso político e retórico foi utilizado por persas, macedônicos e romanos, e a reivindicação de domínio da *oikoumene* não precisava coincidir com os limites geográficos reconhecidos.

<sup>2</sup> “La Grecia conquistada a su fiero vencedor conquisto” (Hor. *Epist.* 2.1.156.). cf. HORÁCIO. Sátiras, Epístolas, Arte poética. Trad. José Luis Moralejo. Biblioteca Clásica Gredos, 373. Madrid: Editorial Gredos, 2008. “A Grécia conquistada, conquistou o seu feroz vencedor” [tradução nossa].

<sup>3</sup> Klaus Geus (2016) localiza na obra Histórias de Heródoto (Hdt. Hist. 3.114) o que seriam os usos iniciais do conceito *oikoumene*. As variações do termo que estão presentes na obra indicam que o conceito e suas significações não estavam plenamente consolidados.

Alexandre, o grande, clamava ser o único a dominar o mundo conhecido após sua vitória contra os persas, contudo seu império não englobava partes daquilo que era considerado o mundo habitado. Augusto em suas *res gestae* reivindicou o domínio do Império sobre o globo terrestre, contudo povos germânicos e o império dos partos permaneciam inconquistáveis (THORNTON, 2012, p. 4876). Logo, as leituras e a aplicação do conceito de *oikoumene* não eram realizadas de maneira literal. Augusto reconhecia os limites geográficos do império e do que considerava o mundo habitado, mas monumentalizar em suas memórias esse ato indistinto não combinava com a estrutura discursiva elogiosa de seus feitos.

Os romanos traduziram o conceito grego e seus significados para *orbis terrarum*, ou seja, o globo terrestre. Como menciona Claude Nicolet (1991, p. 3), a geografia precisa ser entendida como uma representação da realidade e não a realidade em si. Dessa forma, se faz necessário entender a apropriação que os romanos fizeram deste conceito, como aplicaram e quais foram as representações produzidas. Além dos elementos geográficos, misturam-se na concepção de *orbis terrarum* dos romanos outros aspectos, como: os conhecimentos e tradições astrológicas e astronômicas e, junto a isso, a perspectiva de domínio *terra marique*, ou seja, o domínio da terra e do mar, cujas origens conceituais remetem aos reis macedônicos (MOMIGLIANO, 1942, p. 54).

Portanto, percebe-se que os romanos não apenas utilizaram ou meramente traduziram o conceito grego de *oikoumene*, mas o adaptaram e preencheram com suas próprias noções e valores, produzindo assim novas significações. Desse modo, as representações imagéticas do *orbis terrarum* remontam a sentidos distintos ao estabelecerem conexões com os contextos de sua produção. A representação imagética do globo nas cunhagens romanas surge na década de 70 a.C., e a partir desse ponto se torna um elemento iconográfico acessado na elaboração de discursos imagéticos nos diferentes suportes monumentais.

Dessa forma, ao considerar as moedas romanas como um pequeno monumento de ampla circulação, observa-se o processo de consolidação dos elementos iconográficos que remetem aos conceitos mencionados. O contexto produtivo de cada tipo monetário influencia o seu sentido, pois a moeda não é um objeto desassociado do presente, e o potencial comunicativo das moedas reside justamente em sua capacidade de atar as temporalidades. Ao estabelecer um vínculo com o passado, atendendo a interesses no presente e, como qualquer monumento, acaba por projetar no futuro as expectativas de seus idealizadores (MANCINI, 2018, p. 28).

A utilização de conceitos, ideias e valores na elaboração do repertório imagético batido nos discos metálicos era parte de um processo consolidado na prática monetária em Roma<sup>4</sup>. As moedas romanas a partir do século III a.C., alinhadas ao modelo grego de cunhagens já apresentava elementos iconográficos que remontavam à identificação cívica dos romanos com suas origens. Ao longo do século II a.C., o padrão assumido na produção das moedas repetiu-se com poucas variações de mensagens, símbolos e significados, e o fator principal era a representação da força da cidade de Roma imaginada através da imagética de *Dea Roma*, suas ornamentações militares e os carros triunfais. Nas últimas décadas do século II a.C., uma alteração gradual torna-se perceptível nas amoedações. A *Lex Gabinia Tabellaria* de 139 a.C., estabeleceu o voto secreto nas eleições romanas com o objetivo de combater a manipulação do processo eleitoral. Essa situação impulsionou a aristocracia romana a procurar novos meios de representar o patrimônio memorialístico de suas *gentes* (HOUSTON, 2017, p. 1-2).

A mudança de padrão imagético nas cunhagens romanas é muito perceptível associado a esse contexto de introdução das cédulas secretas. A cunhagem de padrões semelhantes foi alterada gradualmente, o espaço dos discos metálicos preenchidos com outros valores simbólicos, culturais e sociais. Os tipos monetários passaram a refletir a iconografia selecionada e elaborada pelos magistrados responsáveis pela supervisão dos processos produtivos. Os repertórios imagéticos passaram a exibir uma grande variedade ideológica, desde repertórios imagéticos que remontavam a símbolos e funções religiosas, ideias políticas, aniversários de eventos históricos, monumentos ou edifícios em Roma, ou às conquistas e status dos ancestrais dos monetários. Esse esforço na elaboração do repertório imagético e simbólico sugere que era prevista uma audiência para essas imagens, além do círculo imediato da família do monetário (FLOWER, 2009, p. 75).

---

<sup>4</sup> Os estudos da produção numismática na Antiguidade, especialmente no contexto romano, têm evidenciado novos caminhos metodológicos. A utilização de tipos monetários como fonte histórica não é uma novidade, porém as novas problemáticas e os ângulos estabelecidos na contemporaneidade nos oportunizam conhecer melhor os romanos e sua dinâmica social em diferentes contextos políticos, sociais e econômicos. O repertório numismático, sua elaboração, produção, circulação, iconografia são aspectos abordados por uma variedade de autores. Um ponto de partida fundamental é o catálogo elaborado por Michael Crawford (1974); sobre a produção e a circulação monetária, os trabalhos de Theodore Buttrey (1993) e de Christopher Howgego (1995) são fundamentais para entender a dimensão da produção numismática; produções que abordam a responsabilidade e o espaço de ação do monetário, Andrew Burnett (1977), Charles Hamilton (1969), Jordon Houston (2017); Por fim, os estudos sobre repertório, retrato, representação imagética, monumentalização e memória apontam os caminhos para observarmos como os valores, ideais e concepções eram elaboradas nas moedas romanas, o trabalho de Gisele Barbosa (2017), Anna Clark (2007), Harriet Flower (2009), Karl Galinsky (2015), Paulo Martins (2011), Andrew Meadows e Jonathan Williams (2001). Essas poucas obras citadas possibilitam conhecer mais sobre a sociedade romana, as relações sociais, econômicas e culturais que os sujeitos estabeleciham com outros e seu próprio tempo, dessa forma, é possível matizar o potencial comunicativo e monumental dos tipos monetários e assim ressaltando a importância das tópicas discursivas elaboradas nesse pequeno monumento de ampla circulação.

Dessa forma, o aparecimento do *orbis terrarum* nas produções numismáticas a partir de 76 a.C., está alinhada com novas práticas que estavam em desenvolvimento em Roma. A astrologia, a astronomia e a filosofia já eram parte da realidade da aristocracia e da população romana, contudo, no século I a.C. a profusão desses conhecimentos, a difusão e o uso desses pela aristocracia romana se intensificou. O período da República tardia foi um verdadeiro momento de florescimento cultural e intelectual; os sujeitos pertencentes aos grupos sociais mais abastados eram bilíngues, recebiam educação retórica e literária em latim e grego, estudavam em centros de educação gregos, tinham professores, mentores e amigos que compunham seu círculo intelectual, versavam-se em filosofia e debatiam vertentes filosóficas (VOLK, 2021, p. 23).

O acesso a esses conhecimentos possibilitava aos aristocratas romanos a utilização de teorias, preceitos e debates filosóficos alinhada com seus posicionamentos políticos. Por exemplo, as noções astrológicas helenísticas possibilitavam a composição de um duplo discurso que era reinterpretado de maneira diferente pelos grupos sociais romanos. A *nobilitas* romana aproveitava os debates sobre a influência dos astros na definição do destino e futuro de cada sujeito, já o público romano em geral preferia análises astrológicas que proporcionassem fortuna ou boa sorte em seus empreendimentos (SIDRYS, 2020, p. 47).

A vinculação desses conhecimentos astronômicos e astrológicos com os preceitos filosóficos do estoicismo encontrou terreno fértil em Roma e nos círculos aristocráticos romanos. O estoicismo combinava suas estruturas ideológicas com a leitura astrológica, logo, o entendimento da vivência em harmonia com a natureza, da existência de uma força racional que organizava o cosmos por meio de uma centelha divina que permeava tudo refletia na compressão que romanos possuíam do universo. Posidônio de Apameia, principal representante da escola estoica em Atenas no século I a.C., relacionou o domínio romano com o cosmopolitismo estoico, que os definia como cidadãos do mundo, representantes de uma grande irmandade humana (SIDRYS, 2020, p. 48).

As produções intelectuais romanas estão inseridas em um panorama de integração do Mediterrâneo. A apropriação de conceitos, a reinterpretação de valores e a pluralidade de ideias fazem parte de um amplo processo de integração dos espaços no Mediterrâneo. A expansão romana oportunizou o contato com outras culturas, outras formas de encarar e ler o cosmos. A ressignificação e a consequente tradução de conceitos tornaram-se parte fundamental na manutenção de um império que se estendia para além da Península Itálica. Por exemplo, Lúcio Cornélio Sula na década de 80 a.C., assume o epíteto *Epaphroditos*, cuja tradução aproximada seria “o favorito de Afrodite”, a utilização desse título estava acompanhada da expansão romana

na região ao leste da Grécia. Sula propunha com isso um “discurso global”, que visava atingir as províncias anexadas à República romana (SANTANGELO, 2007, p. 206-207)

Por conseguinte, os estudos em astrologia, astronomia, os tratados filosóficos, a historiografia e outras formas de conhecimento se desenvolveram com maior intensidade a partir do século I a.C. Portanto, a presença de elementos iconográficos nas moedas que produziam alguma forma de referência a um discurso de organização cósmica está alinhada com a ampliação e difusão desses conceitos e valores junto à aristocracia romana. Vale ressaltar que os responsáveis pela supervisão e elaboração dos repertórios imagéticos batidos nas moedas eram magistrados, eleitos anualmente, os quais eram parte da aristocracia romana. Dessa forma, as representações imagéticas elaboradas por esses magistrados remontavam também a aspectos componentes de sua trajetória política, intelectual, cultural e do patrimônio memorialístico de suas *gentes* (CARMINATI, 2021, p. 29).

### O globo terrestre e celeste

As culturas mesopotâmicas e egípcia são responsáveis pela profusão dos estudos astrológicos e astronômicos na região do Mediterrâneo. Contudo, as representações imagéticas dos astros na tradição dessas populações se apresentam majoritariamente como esferas e discos bidimensionais, normalmente articulados com a ilustração do sol e as divindades vinculadas a este astro<sup>5</sup>. Os responsáveis por desenvolverem teorias sobre esferas universais e por elaborar representações imagéticas dessas teses e astros foram os gregos; posteriormente esses conceitos sobre esferas terrestre e celeste foram transportados para Roma (SIDRYS, 2020, p. 45).

Para Sidrys (2020, p. 3), as representações imagéticas e artísticas dos globos terrestre e celeste nas moedas atingiu novos paradigmas com os romanos, visto que, entre os gregos, a simbolização de esferas remetia a outros significados. Portanto, a utilização da iconografia do globo nas moedas, sua significação e reinterpretação assumiu uma importância conceitual – ao menos nas representações numismáticas – inédita, fator que garantiu aos imperadores, a aristocracia romana, ao próprio império romano a elaboração de tópicas discursivas alinhadas com o controle do cosmos.

<sup>5</sup> A profusão de representações iconográficas de astros é muito marcante na cultura mesopotâmica e também na egípcia. Entre os principais símbolos está o disco solar vinculado a Shamash, o deus-sol. Já para os egípcios, o disco solar aparece em múltiplas representações, frequentemente relacionado com diversas divindades, como por exemplo, a deusa Isis retratada utilizando um disco solar como parte da sua coroa. Cf. SIDRYS, Raymond V. The Mysterious Spheres on Greek and Roman Ancient Coins. Oxford: Archaeopress Publishing, 2020, p.4-6.

A noção mitológica de um cosmos com formato esférico é atribuída a filósofos gregos dos séculos VI e V a.C.; um exemplo é a figura do titã Atlas que segura em suas costas a esfera celestial, frequentemente representado como o planeta Terra. Contudo, a esfera celeste representa não apenas o globo terrestre, mas a ideia de universo com sua complexidade, movimentos e astros. A perspectiva astronômica de uma esfera celestial teria sido desenvolvida inicialmente por Eudoxos de Cnido que teorizava a existência de um involucro esférico em que o globo terrestre estaria fixado no centro, e os astros e os outros planetas orbitariam ao seu redor (SIDRYS, 2020, p. 11).

As diferentes representações produzidas da esfera celeste eram utilizadas principalmente para exibição pública, sendo aplicada em propósitos práticos e ornamentais. Uma representação similar à esfera celeste era a esfera armilar, em que os céus eram representados por anéis e aros que montavam um “esqueleto celeste” (SIDRYS, 2020, p. 12). Reconhecer as diferentes formas encontradas para simbolizar o globo celeste oportuniza reinterpretar a iconografia produzida nos monumentos romanos e matizar as suas significações.

Para Katharina Volk (2021, p. 248), a expansão e a profusão do conhecimento astronômico e astrológico, de correntes e teorias filosóficas, a fascinação e as diferentes representações do cosmos são exemplos perfeitos da interconexão das práticas intelectuais com os empreendimentos políticos na República tardia. Volk aponta que essa relação foi reforçada pelo cenário conturbado e de incertezas políticas do século I a.C., e a necessidade de validação e a reafirmação de um cosmos organizado e regido por regras determinadas possibilitava interpretar o contexto político romano em meio a um processo de transformação cada vez mais irrequieto.

O acesso ao conhecimento, a discussões filosóficas, à tradição literária e poética tornou-se, no século I a.C., um fator presente na vivência da aristocracia romana. Provavelmente o melhor exemplo dessa situação seja Cicero, com suas cartas e tratados sobre os mais diversos temas. O desenvolvimento de uma postura intelectual estava relacionado com a manutenção de redes de relações em Roma entre os grupos aristocráticos. Esse fator influenciava na vida e carreira política visada pelos membros da *nobilitas* romana. Era parte da competição aristocrática vigente nas estruturas de poder da República e, mesmo no Império *a posteriori*, a apropriação e usos dos conhecimentos e aprendizados que eram especialmente relegados a esses grupos. A reprodução, o compartilhamento, os debates teóricos e filosóficos, a produção de obras originais eram parte da vida de certos grupos aristocráticos ao pleitear reconhecimento político, social, cultural e intelectual (VOLK, 2021, p. 22).

Portanto, o aparecimento nas cunhagens de uma iconografia elaborada para representar o globo terrestre ou celeste, com diferenças reconhecíveis, faz parte de um contexto de profusão nas produções intelectuais romanas, ao mesmo tempo que o avanço do imperialismo romano sobre a *oikoumene* possibilitou a construção dessas significações. Para Sidrys (2020, p. 45), a diferença entre o *orbis terrarum* e a esfera celeste nas moedas é um fator que aponta para um reconhecimento dos romanos sobre uma distinção entre a representação imagética desses dois signos. Por conseguinte, isso apontaria para a construção de mensagens e discursos distintos na moeda ou em outros monumentos. Além disso, o autor pontua que o aparecimento das esferas terrestre e celeste nas produções numismáticas produzia um duplo-discurso, militar e religioso: ao mesmo tempo que ressaltava a conquista dos romanos sobre o mundo conhecido, também conectava essa tópica discursiva com a religião romana e a vinculação dos rituais religiosos com a atividade militar.

Para Claude Nicolet (1991, p. 35), a diferença do globo terrestre e da esfera celeste nas cunhagens romanas é encarada de maneira irrelevante. Para o autor, a elaboração de um discurso de dominação e controle do *orbis terrarum* e da *oikoumene* é o ponto principal representado nas moedas. Nicolet defende que essa distinção, mesmo que facilmente perceptível pelas faixas e signos zodiacais representados ou a simbolização da esfera armilar, seria uma distinção artificial, dado que, para os sujeitos na Antiguidade as representações do globo terrestre e da esfera celeste estavam interligadas, produziam assim os mesmos significados e sentidos quando evocados em um discurso imagético.

Destaco que as moedas eram objetos de ampla circulação e produzidos em larga escala para uma sociedade pré-industrial. A amplitude dos sentidos e significados imanentes a iconografia disposta nos tipos monetários era enorme. Contudo, os graus e camadas de significações não seriam interpretados da mesma maneira por todos os grupos sociais que entrassem em contato com tais objetos. Portanto, é importante ressaltar que a diferença entre o globo terrestre e a esfera celeste, provavelmente, não seria compreendida por todos os espectadores das moedas.

Dessa maneira, a antítese exposta anteriormente possibilita-nos compreender a relevância dos significados que são atribuídos às produções numismáticas. Claude Nicolet (1991) assume uma perspectiva unilateral, em que categoriza todas as esferas celestes, terrestres, ou armilares, alinhadas com a mesma lógica discursiva de dominação do mundo habitado. Já Raymond Sidrys (2020) adota uma linha de pensamento multifacetada, buscando vincular a iconografia das esferas com distintos significados, associando as possíveis interpretações com conhecimentos e arcabouços culturais difundidos na sociedade romana.

Portanto, o entendimento de uma imagem depende de graus de inteligibilidade, que são acessados de acordo com a realidade do sujeito, portanto, um aristocrata romano versado em astrologia ou astronomia, saberia certamente diferenciar o *orbis terrarum* de uma esfera celeste. Em suma, considerar as duas concepções permite acessar as diferentes camadas de significados que eram passíveis de interpretação. Seja a forma discursiva mais ampla acessada pelo grande público ou as nuances simbólicas mais complexas identificadas por determinados grupos.

Indubitavelmente, os magistrados selecionavam, organizavam e elaboravam a iconografia que seria batida nas moedas, e esse grau de autoria precisa ser levado em consideração. Desse modo, o reconhecimento da diferença entre as esferas certamente era parte do processo produtivo e que seria lido e interpretado por alguns grupos de maneira alinhada à intenção discursiva do monetário. Porém, o grau de interpretação e ressignificação dos leitores-spectadores desse discurso imagético não era garantido, o espectro de inteligibilidade difere de acordo com o arcabouço de referências culturais prévias (MOREÑA, 2011, p. 260-263).

É muito provável que a figura do globo seria amplamente reconhecida, dada a sua repetição, a construção de um cânone estabelecido e a existência de convenções socioculturais pré-estabelecidas que possibilitariam a identificação da iconografia e, consequentemente, das mensagens e discursos projetados, mesmo que em graus mais básicos de interpretação (JOLY, 1996, p. 15). Um conceito fundamental para entendermos os paradigmas comunicativos através de elementos iconográficos, principalmente nas moedas, é o de cânone estabelecido.

O objetivo de produzir a interlocução através de um pequeno monumento, como a moeda, demandava uma organização discursiva imagética eficaz. Ou seja, a função desempenhada pelos *tres uiri monetales* – magistrados responsáveis pela supervisão da cunhagem – de elaborar o repertório imagético visava a atender o potencial comunicativo das produções numismáticas além de seu potencial monumental. Para tal, os monetários selecionavam e projetavam elementos imagéticos específicos nos tipos monetários que eram provenientes de um arcabouço cultural da sociedade romana, consolidada através da repetição, ou seja, um cânone de componentes e referências culturais, sociais e políticas já conhecido (PORTO, 2018, p. 142).

O acesso a esse arcabouço cultural da sociedade romana, de suas histórias públicas, das conquistas e feitos do povo romano oportunizava o reconhecimento da mensagem por parte do espectador, como por exemplo, a utilização da loba capitolina e os gêmeos Rômulo e Remo em

moedas do século III a.C.<sup>6</sup>, ao mesmo tempo que permitia aos monetários a reinterpretação e reorganização desses elementos para elaborar novas concepções e discursos próprios. Logo, a repetição de referências iconográficas consolidava as mensagens produzidas nas moedas, fator que garantia maior legibilidade e facilitava a transmissão das mensagens elaboradas nesse suporte (PORTO, 2018, p. 143).

Dessa forma, a identificação da iconografia representada nas moedas e em outros monumentos encontrava na repetição, ou seja, no cânone estabelecido um galvanizador do processo comunicativo. Por exemplo, a representação da divindade Vitória, nas moedas, é sempre em sua forma alada. Júpiter, Minerva, Roma e outras divindades ou figuras mitológicas e lendárias são representados com características e atributos imagéticos que os definem e facilitam a possibilidade de o espectador de compreender a imagem disposta nos discos metálicos<sup>7</sup>. Portanto, o cânone estabelecido garantia graus de inteligibilidade para as mensagens nas moedas, ao mesmo tempo que permitia a reorganização do discurso imagético proporcionando a ampliação dos elementos discursivos representados nas moedas (CARMINATI, 2021, p. 57-58).

Ao investigar a presença do globo terrestre ou celeste nas produções numismáticas romanas, pode-se perceber que não havia um cânone estabelecido para essa representação imagética. Apenas a partir da década de 70 a.C., que a figura do globo aparece nas cunhagens romanas pela primeira vez. Após esta data, a profusão de representações do *orbis terrarum* ou da esfera celeste apenas aumentou, sendo utilizada de diferentes maneiras para remeter e construir formas discursivas próprias, como veremos a seguir. Dito isso, é possível afirmar que é nos anos finais da República romana que o globo terrestre foi adicionado como um elemento iconográfico no cânone estabelecido, no arcabouço cultural dos romanos, possibilitando a

---

<sup>6</sup> RRC 20/1 – Didracma de prata, cunhado por volta de 269 – 266 a.C., produzido em Roma. No anverso é representado o busto de Hércules. No reverso, a cena da loba amamentando os gêmeos Romulo e Remo. No exergo, a inscrição ROMANO. cf. CRAWFORD, Michael H. Roman Republican Coinage. 2 vols. Cambridge: Cambridge University Press, 1974, p. 137. Sobre a relação desse tipo monetário com a representação cívica romana no século III a.C., cf. POBJOY, Mark. Epigraphy and Numismatics. In: ROSENSTEIN, Nathan; MORSTEIN-MARX, Robert (org). *A Companion to Roman Republic*. Oxford: Blackwell Publishing, 2006: 51-80, (p.64).

<sup>7</sup> O conceito de cânone estabelecido está calcado na prática da repetição e consolidação de representações imagéticas. Através da presença de certos atributos e “qualidades divinas” existe a caracterização e a possibilidade de identificação da iconografia elaborada. Os repertórios numismáticos eram construídos atendendo determinados objetivos, portanto, era fundamental que no processo comunicativo as imagens portassem elementos iconográficos de fácil identificação, como por exemplo, a divindade Júpiter sempre aparece nas moedas acompanhada portando um feixe de raios, ou seja, sendo isso parte do próprio cânone estabelecido. Muitas vezes os atributos poderiam estar presentes mesmo que a divindade estivesse ausente na representação. Cf. CLARK, Anna J. *Divine qualities*. New York: Oxford University Press Inc, 2007; ALFÖLDI, Andrew. Main aspects of political propaganda on the coinage of the Roman Republic. In: CARSON, Robert A. Glendinning; SUTHERLAND, Carol H. Vivian (ed). *Essays in Roman coinage presented to Harold Mattingly*. Oxford: Oxford University Press, 1956.

elaboração de novos discursos imagéticos e que durante o Império já seria uma referência concreta ao mundo dominado pelos romanos (SIDRYS, 2020, p. 1-2).

### As moedas romanas e o *orbis terrarum*

Inicialmente, preciso ressaltar que o *corpus* documental selecionado para compor esse artigo atende ao objetivo principal de investigar a presença do *orbis terrarum* nas moedas da República romana e assim permitir a produção de um recorte mais preciso sobre a presença do globo terrestre nas cunhagens. Dessa forma, as moedas foram separadas de seu repertório padrão, que logicamente atende uma perspectiva discursiva específica para compor o compilado do artigo.

A importância de salientar essa discussão repertorial reside no fato de que as cunhagens correspondiam a um contexto produtivo e discursivo próprio, em que, ao serem parte de uma série mais ampla de cunhagens, por vezes do mesmo monetário, construíam uma miríade de significações e sentidos. Por exemplo, o monetário *Quintus Pomponius Musa* no ano de 66 a.C., elaborou em uma série de moedas a representação das nove musas gregas, sendo o principal ponto de convergência a relação com o *cognomen Musa* utilizado pelo magistrado. No repertório numismático produzido por *Pomponius Musa* encontra-se a representação de Urânia, a musa relacionada às práticas da astronomia e astrologia, e os atributos imagéticos que montam o retrato de Urânia nas cunhagens são o globo celeste, uma vareta e o trípode remontando a Apolo<sup>8</sup>. Para Nicolet (1991, p. 36), a aparição do globo celeste nesse objeto é um fator meramente alegórico dada a relação com o *cognomen* do magistrado, remetendo assim a outros sentidos que não a noção de domínio ou controle do globo terrestre.

A profusão de representações do globo terrestre e da esfera celeste aumentou gradualmente nas últimas décadas da República romana. Dessa forma, fez-se necessária a seleção, e consequentemente a exclusão, de alguns tipos monetários da análise do artigo. O principal catálogo utilizado para a composição do artigo foi o *Roman Republican Coinage* – RRC de Michael Crawford (1974). A disponibilização das imagens e outras informações complementares foram retiradas do website do Museu Britânico e do projeto CRRO – *Coinage*

<sup>8</sup> RRC 410/8 – Denário de prata, batido por volta de 66 a.C., produzido em Roma. No anverso, Busto laureado de Apolo, estrela atrás indica a divindade da figura. No reverso, Urânia (musa da astronomia/astrologia) segurando uma vara na mão direita, apontando para um globo que está sob um trípode (Símbolo de Apolo). Inscrições no reverso: MVSA Q·POMPONI. cf. CRAWFORD, Michael H. Roman Republican Coinage. 2 vols. Cambridge: Cambridge University Press, 1974, p. 438-439.

*of Roman Republic Online* – que possibilita o acesso online de maneira gratuita às moedas e informações relacionadas a esses objetos.

Em uma breve pesquisa sobre as moedas datadas do período republicano, temos, a partir do ano de 76 a.C., o aparecimento de tipos monetários com a indumentária imagética do globo, que se mostra presente em 22 exemplares (moldes) de 466 produzidos entre os anos de 76 a.C. até 27 a.C. A utilização do globo nas moedas compõe cerca de 5% dos tipos monetários batidos nesse período. Já no contexto do Império romano existe um aumento no uso da representação imagética do globo, construindo novos sentidos e discursos de acordo com seu contexto produtivo. A iconografia do globo está presente em cerca de 12% de todos os tipos monetários cunhados nas oficinas monetárias do Império (SIDRYS, 2020, p. 1).

A profusão da representação iconográfica do globo – sem necessariamente fazer uma distinção precisa entre globo terrestre ou esfera celeste – está relacionada com a formação e, consequente, consolidação de um cânone estabelecido desde a República romana e o uso do globo como um elemento imagético discursivo. Portanto, ao observarmos as moedas selecionadas para compor esse artigo é fundamental compreender que a presença do globo é parte de conceitos e representações em construção. Dessa forma, os monetários adaptaram, mesclaram e conectaram a imagética da esfera terrestre ou celeste com outros elementos iconográficos, pautando assim a elaboração de uma forma discursiva complexa que corresponesse a realidade do contexto romano.

A primeira moeda (Figura 1) analisada no artigo faz parte do repertório numismático elaborado pelo magistrado *Cn. Cornelius Lentulus Marcellinus* no ano de 76 a.C., com local incerto, mas provavelmente na província da Hispânia. No anverso da moeda foi retratado o busto do *Genius Populi Romani* com um cetro sobre os ombros. No reverso, temos uma cena composta pelo globo terrestre centralizado e ao redor um cetro acompanhado de uma coroa e um leme, representando a concepção de domínio *terra marique* (CRAWFORD, 1974, p. 407).



<sup>9</sup> RRC 393/1 – Denário de prata, batido por volta de 76-75 a.C., local incerto, provavelmente Hispânia. No anverso, Busto do Genius Populi Romani, drapeado e cabelo amarrado com uma faixa, com cetro sobre o ombro. Inscrições:

O magistrado responsável pela cunhagem desse repertório numismático posteriormente, no ano de 56 a.C., ocupou o consulado. As moedas e o trabalho dos *tres uiri monetales* galgaram importância nas últimas décadas do século I a.C., a ponto de boa parte desses monetários em início de sua carreira pública ocuparam magistraturas de maior envergadura política posteriormente (HARLAN, 1995, p. 10-14). Retornando ao discurso imagético produzido pelo magistrado, existem importantes características a serem ressaltadas. O *Genius* era um conceito utilizado para definir o espírito que vivia ativamente no interior dos homens, os criava e os sustentava enquanto esse permanecia vivo. O *Genius* inicialmente assumia uma dimensão individual, porém posteriormente passou a ser vinculado a lugares, grupos, cidades, províncias que permitissem uma dimensão coletiva de identificação (MUELLER, 2012, p. 2883).

Dessa forma, a presença do *Genius Populi Romani*, ou seja, do *Genius* que pertencia o povo romano, além de representar a identidade do magistrado com a cidade de Roma, ainda associava o espírito ativo dos romanos com a prática do controle, do domínio militar e da conquista do globo terrestre. A fórmula conceitual que aparece no reverso, *terra marique*, representada na figura do cetro, da coroa, do leme e do globo terrestre, já havia sido elaborada anteriormente em outro exemplar monetário, excetuando-se o *orbis terrarum* (CRAWFORD, 1974, p. 408). A forma discursiva para representar esse domínio e controle sobre terra e mar foipropriada como uma herança de tradições helenísticas, principalmente dos reis macedônicos (MOMIGLIANO, 1942, p. 63). Contudo, a construção imagética e sua representação numismática proliferou-se com os romanos.

Por último, a vinculação do espírito romano na figura do *Genius Populi Romani* com noções de controle, domínio e a conquista do globo terrestre e do mar Mediterrâneo reforçava as formas discursivas alinhadas com a proficiência dos romanos para a conquista militar. Dessa forma, a própria essência do ser romano era representada nas moedas estando associada a dominação e formação de um império sem fim.

A segunda moeda (Figura 2), datada do ano de 70 a.C., aponta um outro contexto e remete a uma situação própria daquele ano. No anverso do disco metálico foram representados dois bustos de forma conjugada, de *Honos* e *Virtus*, já no reverso foram batidas as figuras de Itália e Roma, acompanhadas de alguns atributos imagéticos.

---

GPR – *Genius Populi Romani*. No reverso, cetro acompanhado de coroa, globo e leme. Inscrições: EX S·C / CN·LEN·Q.

Figura 2<sup>10</sup>

Os monetários responsáveis pela organização desse objeto foram *Q. Fufius Calenus*, que ocupou o consulado no ano de 49 a.C., e *P. Mucius Scaevola*, possivelmente o *Pontifex* de 69 a.C., que se utilizou do *cognomen Cordus* como uma forma de distinção (CRAWFORD, 1974, p. 413). O tipo monetário elaborado pelos magistrados associa o primeiro consulado de Pompeu, no ano 70 a.C., com a realização de um censo na Península Itálica. Este foi o primeiro censo realizado após a concessão da cidadania aos aliados itálicos e finalizava quaisquer rusgas proveniente da Guerra Social, conflito que contrapôs os romanos aos seus aliados itálicos pelo controle da Península e do Império (BURNETT, 1977, p. 44).

O anverso estabelece conexão entre as qualidades divinas *Honos* e *Virtus*, associando as duas como parte do imaginário romano que atribuía essas qualidades a determinados eventos, práticas e conquistas; exemplo disso é a existência de templos dedicados a *Honos* e *Virtus* (CLARK, 2007, p. 158). No reverso, foram simbolizadas duas figuras femininas, Itália, sendo a primeira vez que a personagem foi representada em moedas romanas, e Roma em seus trajes e indumentárias militares habituais. Os atributos que acompanham essas figuras são fundamentais para compreender a elaboração das formas discursivas monumentais. A cena apresenta Roma e Itália dando as mãos, *dextratum iunctio*, em forma de acordo e uma cornucópia acima, sendo a representação de prosperidade no cânone imagético romano. Além disso, Roma assume uma postura de superioridade ao portar atributos militares e ter sob seus pés o globo terrestre. Esse objeto faz alusão a reconciliação dos itálicos com os romanos – sob o domínio dos romanos – que foi selada através da realização do censo em 70 a.C. (CRAWFORD, 1974, p. 414).

<sup>10</sup> RRC 403/1 – Denário serrado de prata, batido por volta de 70 a.C. No anverso, os bustos conjugados de *Honos* e *Virtus*, acompanhados das inscrições HO; VIRT; KALENI. No reverso, Itália à esquerda e Roma à direita; cumprimentando-se em um aperto de mãos; no centro, Itália segura uma cornucópia; atrás um *caduceus*; Roma utiliza um diadema e carrega na mão esquerda os *fasces*, com o pé direito posicionado sobre um globo. Em torno as inscrições ITAL; RO; CORDI.

Sobre o globo terrestre nesse objeto, percebe-se que, apesar de estar atribuído a outro contexto, a noção de domínio e controle por parte de Roma permanece. Nesse caso, ressalta de forma indireta o valor dos aliados itálicos nesse processo de domínio e na expansão do imperialismo romano. O terceiro objeto de responsabilidade do monetário *Faustus Cornelius Sulla* (Figura 3), datado do ano de 56 a.C., estabelece um vínculo direto com a figura de Pompeu Magno e suas conquistas militares por todo espaço do Mediterrâneo.



Figura 3<sup>11</sup>

No anverso foi representado o busto de Hércules utilizando uma pele de leão (de Nemeia), um *S.C* na legenda que significava *Senatus consultum*, ou seja, com a autorização do Senado romano. No reverso, há a presença de vários elementos iconográficos, três coroas de louros pequenas que referenciavam os três triunfos de Pompeu em diferentes regiões da *oikoumene*, Europa, África e Ásia. A representação da coroa maior relaciona-se com as honrarias concedidas pelo Senado romano a Pompeu. Já a esfera celeste, reconhecida devido as marcações no globo, remete a um controle e domínio do globo, do mundo conhecido e do *cosmos*. Por fim, repete-se a receita *terra marique* na simbolização de uma espiga de cereais e um *aplustre*, ornamento da popa de um navio (MANCINI, 2018, p. 63).

O caso de Pompeu Magno é profundamente simbólico. A representação no reverso buscava monumentalizar e comemorar as vitórias e os triunfos de Pompeu em 79 a.C., na África, em 71 a.C., na Espanha e 61 a.C., sobre o Leste. A coroa maior fazia referência à *corona aurea*, uma coroa de ouro concedida pelo Senado romano como forma de reconhecer sua importância política para a República romana. Acompanhado disso havia a autorização senatorial de utilizar a coroa de ouro em todos os jogos públicos. A construção da fórmula *terra marique* estava vinculada também com o reconhecimento do *imperium terra marique*.

<sup>11</sup> RRC 426/4 – Denário de prata, batido por volta de 56 a.C. No anverso, Busto de Hércules utilizando a pele de leão, um monograma referente ao monetário e a inscrição *S.C.* No reverso, Globo cercado por três coroas de louros pequenas e uma cora de louros grande. Um *aplustre* ao lado e uma espiga do outro.

concedido a Pompeu pelo Senado em 67 a.C., para combater os piratas que povoavam o mar Mediterrâneo (MANCINI, 2018, p. 43-46). O discurso imagético elaborado nessa moeda insinua com o fato de Pompeu ter rememorado, em seu último triunfo no ano de 61 a.C., suas vitórias anteriores, ou seja, além de comemorar os empreendimentos militares triunfantes contra os piratas e as treze nações asiáticas que elencou, também rememorava a conquista da *oikoumene* representada por meio de um troféu carregado em sua procissão triunfal (NICOLET, 1991, p. 38).

A elaboração dos discursos monumentais que relacionam e estabelecem Pompeu Magno como senhor ou conquistador da *oikoumene* está presente em diferentes suportes monumentais. Assim como outros monumentos, as moedas estabeleciam, de maneira sutil, uma comemoração e uma rememoração das conquistas de Pompeu. Como por exemplo, a estátua dedicada a Pompeu Magno localizada no primeiro complexo teatral permanente da cidade de Roma, o qual carregava o nome de Pompeu, construído em 55 a.C. Como aponta Claude Nicolet (1991, p. 38), a estátua representava Pompeu em uma nudez heroica segurando uma espada e túnica e em sua mão a representação da *oikoumene* na forma de globo. Isso apontava para a retórica discursiva de que Pompeu era o conquistador do globo em nome do povo romano e para o povo romano.

Por fim, a moeda estabelecia vínculo com esses outros monumentos em evidência e potencializava seus significados através da sua ampla difusão. Logo, todos esses elementos imagéticos apontavam para uma retórica discursiva que consolidava a figura de Pompeu Magno como o conquistador do mundo habitado, além de sua proeminência e importância política para o expansionismo romano. Em um cenário no qual a concentração de poder em personalidades políticas se acentuava, concorrer por representações monumentais era fundamental na corrida pelo reconhecimento público. Os exemplares (Figura 5 e 6) remetem justamente a Júlio César e à sua busca por superar Pompeu Magno também no campo das representações, como veremos adiante.

Um outro tipo monetário (figura 4), batido no ano de 46 a.C., e supervisionado por *T. Carisius* é um exemplo interessante que evidencia a repetição e reorganização de elementos imagéticos para construir discursos. No anverso foi representado o busto de *Dea Roma* trajando seus atributos militares costumeiros, acompanhada da legenda *Roma*. No reverso, a cena é composta por elementos iconográficos recorrentes: o cetro que remonta a noção de controle, de poder, a cornucópia que representa a abundância e um leme para construir em confluência com a esfera celeste a fórmula *terra marique*. O monetário, por meio de uma fórmula e referências

já conhecidas pelos romanos, estruturou nas cunhagens a retórica discursiva da cidade de Roma como dominante no mundo conhecido.

O *corpus* documental apresentado nesse artigo demonstra como gradualmente consolidaram-se formas discursivas capazes de reivindicar a posição de Roma em relação à *oikoumene*. A moeda enquanto um monumento de ampla circulação validava concepções e nuances do seu próprio contexto produtivo, ao mesmo tempo que atendia a demandas discursivas e monumentais ao consolidar e difundir noções específicas sobre a história pública romana.



Figura 4<sup>12</sup>

As duas últimas moedas remetem à imagem de Júlio César. A primeira foi produzida já no contexto de sua ditadura, fator que se torna evidente através da legenda da moeda. A outra é uma homenagem póstuma após os acontecimentos dos Idos de Março de 43 a.C. Uma das características mais importantes das moedas relacionadas a Júlio César é o fato de que ele foi o primeiro romano em vida a ter seu busto representado em uma moeda, mais especialmente, no anverso das amoedações. Além disso, o reconhecimento da imagem de César, de suas características anatômicas, tem como base as moedas que apresentam a face do ditador, fator crucial para a identificação dos bustos e das diversas representações feitas *a posteriori* (BEARD, 2022, p. 87).

<sup>12</sup> RRC 464/3 – Denário de prata, batido por volta de 46 a.C. No anverso, Busto de Roma, utilizando um elmo ático, acompanhada da inscrição *ROMA*. No reverso, Cornucópia sobre um globo, na esquerda um cetro, na direita um leme. Coroa de louros como borda. Inscrições: T. CARISI.

Figura 5<sup>13</sup>

No tipo monetário produzido no ano de 44 a.C., pelo monetário *L. Aemilius Buca*, foi representado no anverso o busto laureado de Júlio César. O espaço monumental tradicionalmente resguardado para os bustos das divindades foi substituído pelo homem que posteriormente seria divinizado. Essa ruptura não é mera ilustração, ela indica um processo muito mais profundo e que garantiria terreno fértil para as principais representações da dinastia Júlio-Cláudio. Ainda no anverso encontra-se a inscrição que remete ao título de ditador perpétuo de César, outro elemento que remete às transformações ocorridas em Roma nas últimas décadas da República romana. No reverso foi simbolizado um *caduceu* em posição transversal com um *fasces* sem o machado, além disso, a representação de um aperto de mãos, o *dextratum iunctio*, um machado e o globo ou, se considerarmos as marcações, uma esfera celeste ou armilar (CRAWFORD, 1974, p. 494).

Cada um desses elementos remonta a aspectos monumentais distintos. O *caduceus* era uma representação de paz, o *dextratum iunctio* remontava à ideia de conciliação ou aliança entre duas partes, o *fasces* simbolizava o poder político e social imanente das magistraturas romanas, e o machado, nessa ocasião, aludia ao pontificado de César. Dessa forma, por meio de todos esses elementos iconográficos, elaborava-se um discurso que atava a posição política de César, como ditador perpétuo, às práticas religiosas. Centralizando na figura de Júlio César os principais poderes em Roma, a esfera celeste ou armilar ali presente pode então reforçar essa perspectiva religiosa ao apontar César como aquele que organiza o cosmos.

<sup>13</sup> RRC 480/6 – Denário de prata, batido por volta de 44 a.C. No anverso, busto laureado de Júlio César, inscrições CAESAR·DICT PERPETVO. No reverso, *fasces* (sem o machado) e *caduceus* em X (cruzados), na esquerda um machado, na direita um globo, acima *dextratum iunctio*, borda de pontos. Inscrições: L. BVCA.

Figura 6<sup>14</sup>

A moeda batida em 42 a.C., era parte de um profuso repertório numismático batido para celebrar o triunvirato estabelecido entre Marco Antônio, Otaviano e Lépido. Dessa forma, a amoeda organizada por *L. Mussidius Longus* pode ser lida como uma homenagem póstuma a Júlio César e a herança deixada aos seus partidários. No anverso, foi representado o busto laureado de Júlio César; no reverso, a fórmula *terra marique* foi simbolizada a partir do leme e da cornucópia, misturando assim a noção de abundância com a de domínio da terra e do mar. O *caduceus* representava o cargo de Pontífice ocupado por Júlio César (CRAWFORD, 1974, p. 510). O globo terrestre ou esfera celeste repetia a forma discursiva que vinculava a imagem de Júlio César com o domínio do mundo habitado ou mesmo com o controle do *cosmos*.

As moedas eram monumentos que tinham a possibilidade de atar as temporalidades por meio das representações iconográficas, da sua tópica discursiva enquanto um monumento e dos discursos produzidos. O acesso ao passado atendia às demandas específicas do contexto produtivo, remontava, comemorava e celebrava o passado enquanto um objeto que circulava no presente e, por fim, projetava-se ao futuro devido a sua característica monumental de ampla circulação e das práticas de entesouramento (CARMINATI, 2021, p. 23). Portanto, uma moeda que comemorava e consolidava a imagem de Júlio César como aquele que ordenava o *cosmos*, por intermédio da representação da esfera celeste ou armilar, seria muito provavelmente lida de uma maneira completamente distinta após sua divinização.

Júlio César conseguiu superar seu adversário, Pompeu Magno, na competição no campo das representações. Além do seu busto ser batido em moedas que circularam amplamente pelo espaço geográfico do Mediterrâneo, celebrou triunfos sobre ao menos três partes do mundo conhecido. César foi divinizado e determinou mesmo em morte os rumos que a política romana tomaria. Da mesma forma que Pompeu representou em uma estátua seu domínio sobre a

<sup>14</sup> RRC 494/39 – Denário de prata, batido por volta de 42 a.C. No anverso, busto laureado de Júlio César. No reverso, Cornucópia sobre um globo, na esquerda um leme, na direita um *caduceus* e um *apex*. Inscrições: L·MVSSIDIVS·LONGVS.

*oikoumene*, Júlio César também o fez. César foi homenageado pelo Senado romano com um grupo de estátuas que representavam simbolicamente a dominação e controle da *oikoumene*. Esse conjunto supostamente representava uma figura feminina identificada como *oikoumene* e Júlio César em uma postura de restaurador, sendo acompanhada de inscrições que o definiam como semideus (NICOLET, 1991, p. 40).

Por fim, cabe mencionar que essa disputa foi estendida para Otaviano e Marco Antônio, ambos na tentativa de se representarem como conquistadores da *oikoumene*. Após a Batalha do Ácio em 31 a.C., e a consolidação de sua posição política a partir de 27 a.C., Augusto projetou e acessou formas discursivas distintas para concretizar sua nova posição política e estabelecer sua dinastia como uma herdeira de César, de suas conquistas e como perpetuadora do domínio romano sobre o Mundo Habitado.

### Considerações Finais

Como demonstrado no decorrer do artigo, as moedas são monumentos e fontes históricas que nos contam muito sobre seu contexto produtivo, sobre o campo das representações, das tópicas discursivas, das disputas, demandas e interesses em torno do pequeno espaço monumental nos discos metálicos. Compreender as formas como os discursos iconográficos eram elaborados e a competição em torno disso nos possibilita interpretar e entender nosso próprio mundo e suas linguagens.

As representações dos conceitos como *oikoumene*, *orbis terrarum*, *terra marique*, consolidaram-se alinhadas com o contexto da expansão e domínio romano sobre o espaço do Mediterrâneo. Logo, esses discursos monumentais ofereciam legitimação e identificação do processo de conquista sustentado pela República romana. O simbolismo ao redor do globo terrestre ou esfera celeste elaborava discursos fundamentais e pertinentes para uma aristocracia que se via cada vez mais global. Em suma, esses conceitos e tantos outros foram absorvidos na intensa competição aristocrática do fim do século I a.C., marcada pela forte oposição de figuras como Júlio César e Pompeu Magno.

Por fim, as cunhagens possibilitavam a representação de diferentes conceitos, noções, valores e através da repetição ou reorganização dos elementos imagéticos produziam discursos capazes de corresponder ao presente, ao mesmo tempo que remetiam ao passado, projetando-se para o futuro em sua consolidação enquanto um monumento. Dessa forma, percebemos como a representação do globo, antes ausente, passou a ocupar o espaço monumental das moedas, concretizando ideias filosóficas e conhecimentos astronômicos. Todavia, o acesso a esses

elementos era uma maneira recorrente de corresponder as disputas políticas em Roma em suas dimensões distintas.

## Referências Bibliográficas

### Fontes

- CRAWFORD, M. H. *Roman Republican Coinage*. 2 vols. Cambridge: Cambridge University Press, 1974.
- HORÁCIO. *Sátiras, Epístolas, Arte poética*. Trad. J. L. Moralejo. Biblioteca Clásica Gredos, 373. Madrid: Editorial Gredos, 2008.
- HERODOTUS. *Histories*. Digital version in Perseus Digital Library online: A. D. Godley (Ed.), Herodotus, Loeb Classical Library, London; New York, 1921.

### Obras de apoio

- ALFÖLDI, A. Main aspects of political propaganda on the coinage of the Roman Republic. In: CARSON, R. A. Glendinning; SUTHERLAND, C. H. Vivian (Eds.). *Essays in Roman coinage presented to Harold Mattingly*. Oxford: Oxford University Press, 1956.
- BARBOSA, G. O. A. Quando o divino celebra o humano: religião, política e poder nas moedas republicanas romanas (139 – 83 AEC). Vol. 1, 2017. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, Rio de Janeiro, 2017.
- BEARD, M. *Doze Césares: Imagens de poder do mundo antigo ao moderno*. Trad. S. Fernandes. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2022.
- BURNETT, A. M. The Authority to Coin in the Late Republic and Early Empire. *The Numismatic Chronicle* (1966-), Seventh Series, v. 17 (137), 1977, p. 37-63.
- BUTTREY, T. V. Calculating Ancient Coin Production: Facts and Fantasies. *The Numismatic Chronicle* (1966-), v. 153, 1993, p. 335-351.
- CARMINATI, L. H. As moedas da década de 80 a.C. na República Romana: monumentalização, memória, comunicação e poder. 2021. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Ouro Preto, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História, Ouro Preto, 2021.
- CLARK, A. J. *Divine qualities*. New York: Oxford University Press Inc., 2007.
- GALINSKY, K. Introduction. In: GALINSKY, K. (Ed.). *Memory in Ancient Rome and Early Christianity*. Oxford University Press, 2015, p. 1-43.
- GEUS, K. Oikoumene/Orbis Terrarum. *Oxford Classical Dictionary*, 22 dez. 2016.
- GUARINELLO, N. L. Império e Imperialismo: realidades antigas e conceitos contemporâneos. In: CAMPOS, A. et al. (Orgs.). *Os Impérios e suas matrizes políticas e culturais*. Vitória: Flor e Cultura, 2008, p. 10-18.
- FLOWER, H. *Roman Republics*. Princeton: Princeton University Press, 2009.
- HAMILTON, C. D. The Tresviri Monetales and the Republican Cursus Honorum. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, v. 100, 1969, p. 181-199.
- HARLAN, M. *Roman Republican Moneyers and their Coins, 81 BCE to 64 BCE*. Seaby: B.T. Batsford Ltd., London, 1995.
- HOUSTON, J. *Roman Coinage and the Triumviri Monetales from 139 BC to the Fall of the Republic*. The University of Auckland, 2017.

- HOWGEGO, C. *Ancient History from Coins*. London: Routledge, 1995.
- JOLY, M. *Introdução à análise da imagem*. Campinas: Papirus, 1996.
- MANCINI, W. V. O Principado de Cláudio: uma reflexão sobre as relações de poder através das representações numismáticas. 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História, Ouro Preto, 2018.
- MARTINS, P. *Imagen e Poder: Considerações sobre a Representação de Otávio Augusto*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.
- MEADOWS, A.; WILLIAMS, J. Moneta and the Monuments: coinage and politics in Republican Rome. *The Journal of Roman Studies*, v. 91, 2001, p. 27-49.
- MOMIGLIANO, A. Terra marique. *JRS*, 1942, p. 53-64.
- MUELLER, H.-F. Genius. In: BAGNALL, R. S. et al. (Org.). *The Encyclopedia of Ancient History*, 1. ed. 2012, p. 2883-2884.
- NICOLET, C. *Space, geography, and politics in the early Roman Empire*. Ann Arbor, 1991.
- NOREÑA, C. F. Coins and Communication. In: PEACHIN, M. (org.). *The Oxford Handbook of Social Relations in the Roman World*. New York, 2011.
- POBJOY, M. Epigraphy and Numismatics. In: ROSENSTEIN, N.; MORSTEIN-MARX, R. (orgs.). *A Companion to Roman Republic*. Oxford: Blackwell Publishing, 2006, p. 51-80.
- PORTO, V. C. O culto imperial e as moedas do Império Romano. *Phoinix*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, 2018, p. 138-154.
- SANTANGELO, F. Sulla, the Elites and the Empire: a study of Roman Policies in Italy and the Greek East. *Impact of Empire*, v. 8, Brill: Leiden; Boston, 2007.
- SIDRYS, R. V. *The Mysterious Spheres on Greek and Roman Ancient Coins*. Oxford: Archaeopress Publishing, 2020.
- THORNTON, J. Oikoumene. In: BAGNALL, R. S. et al. (Orgs.). *The Encyclopedia of Ancient History*, 1. ed. 2012, p. 4876-4878.
- VOLK, K. *The Roman Republic of Letters: Scholarship, Philosophy, and Politics in the Age of Cicero and Caesar*. Princeton: Princeton University Press, 2021.